



## Paz e Educação Ambiental: desafios à Educação na Sertão Alagoana

### 1. Introdução

O desenvolvimento de práticas educativas voltadas à Paz, apesar de não constituir uma idéia recente – visto que já nos séculos XVII e XVIII, Comenius e Jean J. Rousseau, por exemplo, lançavam os primeiros fundamentos do que viria a ser uma educação para a Paz –, somente passou a ser trabalhado de maneira mais sistematizada a partir do século XX.

Conforme afirma Guimarães (2000), apesar de sua indiscutível juventude, o movimento de educação para a Paz como proposta pedagógica tem se configurado, sobretudo, como uma prática educativa essencialmente plural, tanto no que diz respeito aos aspectos socioeducacionais que a motivam, como às práticas realizadas pelos educadores envolvidos com esta proposta educacional inovadora. Dentre as práticas educativas para a Paz que têm sido mais recorrentes, podem ser reconhecidos os movimentos de renovação pedagógica idealizados/liderados por Montessori e Piaget, os movimentos sindicais de educação, os debates epistemológicos em torno da estruturação da Ciência numa perspectiva interdisciplinar, as lutas pela não-violência lideradas por Mahatma Gandhi, Madre Teresa de Calcutá, Irmã Dulce e Nelson Mandela, a pedagogia da libertação proposta por Paulo Freire, e os movimentos ambientalistas.

Os movimentos ambientalistas apresentam particular proximidade com o movimento em torno da efetivação de práticas educativas para a Paz. A própria consciência da necessidade de tais práticas educativas se confunde com a constatação de que é preciso preservar, conservar e reestruturar o Ambiente e que, portanto, urge desenvolvermos uma educação ambiental. A Edu-

Marlécio Maknamara da Silva Cunha\*

#### Resumo:

Dada a íntima relação entre Educação para a Paz e Educação Ambiental, nenhuma prática educativa que pretenda construir ambientes equilibrados deve prescindir de uma paz interior que acarrete paz em sociedade e com toda a natureza. Um curso de extensão objetivou desencadear reflexões e (re)estruturação das práticas pedagógicas de professoras de Santana do Ipanema – AL, permitindo constatar aspectos violentos nas próprias práticas pedagógicas daquelas professoras, o que dificulta a efetivação da Educação para a Paz e da Educação Ambiental na escola.

**Palavras-chave:** Extensão; Paz; Educação Ambiental.

\* Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação/UFPB. Professor Assistente do Departamento de Biologia da Universidade Federal de Sergipe. marlecio@ufs.br

cação Ambiental, conforme lembra Reigota (1998, p. 10), "deve ser entendida como educação política, no sentido de que ela reivindica e prepara os cidadãos para exigir justiça social, cidadania nacional e planetária, autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza".

Na medida em que a Educação Ambiental trata não apenas dos elementos naturais de um ambiente, mas também diz respeito às relações do homem com tais elementos e dos homens entre si, em dependência de tais elementos, fica claro que nenhuma prática de Educação Ambiental deve prescindir da construção de valores, atitudes e comportamentos relativos ao relacionamento harmonioso do ser humano consigo mesmo, com seus pares e com o restante da natureza. Desta forma, ninguém estará realmente apto a cuidar do meio ambiente se não conhecer a si próprio, de forma que esteja em paz consigo e com os outros seres vivos, incluindo o ser humano.

É nesta perspectiva que surgem trabalhos pautados na indissociável relação entre conscientização pessoal e conscientização planetária, onde se percebe que qualquer necessidade e intenção de configuração de uma nova perspectiva ambiental passam, necessariamente, por um processo de educação ambiental que inicia com a educação para a paz consigo e com os outros seres (Gutiérrez & Prado, 2000). Também Félix Guatari (1991), em seu livro intitulado *As Três Ecologias*, sistematiza o entendimento de que somente numa orientação holística, sob uma perspectiva unitária do Universo, é que poderá ser desenvolvida uma educação para um ambiente mais equilibrado e pacífico.

Segundo Borin (2004), a Educação para a Paz constitui uma educação comprometida com a vida, em uma constante busca de respeito à dignidade humana, baseada na igualdade, na justiça e na fraternidade.

No entanto, o que a sociedade atual tem presenciado é uma verdadeira banalização da vida, num contexto onde a igualdade, a justiça, a fraternidade e a dignidade são meros adeços sociais garantidos a poucos. Assim, torna-se evidente a necessária urgência na reflexão e concretização de uma educação que contemple a Paz, tanto como objeto de reflexão, como instrumento de ação e premissa maior para se viver com qualidade.

A sistematização de práticas educativas voltadas ao exercício da Paz em diferentes instituições sociais (família, escola, local de trabalho) constitui um dos diversos desafios com os quais a sociedade contemporânea tem se deparado. A escola, lugar ainda privilegiado para a educação, tem fundamental importância neste processo de construção de uma sociedade mais pacífica.

Pode-se perceber a necessidade de vivência da dimensão pedagógica para a Paz a partir de uma dupla constatação: o desgaste que a família, enquanto instituição social, vem sofrendo ao longo dos últimos anos, dada a sua desestruturação progressiva; e as alterações curriculares escolares decorrentes tanto desta desestruturação quanto do emergir da violência como fenômeno interferente na dinâmica escolar.

Se falar de Educação para a Paz implica situá-la em função de práticas educativas não-veiculadoras de violência, é necessário entender o processo de produção e difusão de violência no contexto da sociedade em que vivemos. Para Weil (2004), a violência origina-se, no plano individual, de um sentimento de não-pertença do indivíduo em seu mundo; no plano coletivo, isso significa a conformação de uma sociedade de desajustados. Como consequência do apartamento (físico, simbólico, psicológico) do indivíduo do seu ambiente, o mesmo se isola do convívio social, buscando refúgio em coisas que, se ameaçadas, serão defendidas de maneira agressiva e competitiva, bases para o agir e pensar violentamente.

Dada a perda de referenciais de valores, atitudes e ações pela qual passa nossa sociedade, a violência torna-se uma constante, atingindo diretamente o ambiente escolar. No entanto, conforme lembra Hannah Arendt (1994), a violência é pouco estudada porque, sobretudo, é vista como algo corriqueiro. O contato contínuo com a violência, especialmente pela sua constante propagação via meios de comunicação social, dificulta a análise sobre a gênese e as consequências deste fenômeno social, pelo fato de não nos proporcionar suficiente distanciamento a fim de que possamos melhor analisá-lo.

A escola, como se insere nesse contexto social mais abrangente, tem vivenciado práticas de violência em seu cotidiano, como se não bastassem os problemas clássicos pelos quais tem passado. Frente à amplitude desta problemática soci-

al, os professores têm buscado trabalhar, de alguma maneira, a temática da violência no contexto escolar. Entretanto, assim como Muller (1995) lembra que os meios de comunicação social não têm nos informado sobre as raízes e riscos da violência – mas sim sobre a violência em si, enquanto fenômeno que desperta uma emoção pública –, os professores pouco têm refletido sobre a dimensão violenta de suas próprias práticas. É nesse aspecto que muitos autores questionam a viabilidade da Educação para a Paz no ambiente escolar, dado que o próprio sistema escolar em que vivemos é uma estrutura em si mesma violenta.

## 2. Objetivos

Entendendo a Educação para a Paz e a Educação Ambiental como práticas educativas que se complementam e se confundem no processo de educação para um ambiente onde a vida – de todas as espécies biológicas e em todas as suas manifestações – é o elemento ambiental de maior valor; e que a Educação para a Paz (educação para a não-violência) requer a não-violência da educação, como forma de tornar mais equilibrados os diferentes ambientes em que convivemos – dentre eles, a escola – um curso foi planejado e executado junto a professoras de escolas públicas da cidade de Santana do Ipanema, no sertão do estado de Alagoas, com o objetivo de desencadear um processo de reflexão e (re)estruturação de suas práticas pedagógicas, de forma que tais professoras orientassem seu trabalho segundo os pressupostos da Educação para a Paz e da Educação Ambiental.

## 3. Metodologia

O curso realizado em Santana do Ipanema - AL foi parte integrante de um curso de extensão<sup>1</sup> de maior abrangência, realizado no primeiro semestre de 2004 nas dependências da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

O curso da UFPB funcionou com carga horária 25% presencial, com encontros mensais dos participantes, tendo sido direcionado a professores atuantes em escolas públicas e cenicistas do interior da Paraíba e estados circunvizinhos. A metodologia adotada baseou-se nos princípios de “ver”, “julgar” e “atuar”, consistindo em discussão de estratégias educativas ligadas à constru-

ção da Paz e da Educação Ambiental, além da exposição, a cada encontro, dos resultados obtidos por cada participante, que atuava em sua cidade de origem como um multiplicador dos conhecimentos adquiridos na parte presencial do curso ministrado na UFPB.

A cada encontro mensal eram ampliadas as discussões sobre a Educação para a Paz, tendo como pressuposto norteador a necessidade de um autoconhecimento e construção da paz interior, como pré-requisito ao debate sobre os fundamentos da paz em sociedade (especialmente na escola), visando à construção de uma paz com a natureza, na qual o meio ambiente, com todos os elementos naturais e sociais que o compõem, estará realmente equilibrado.

O autor deste trabalho, à época na condição de professor atuante na Escola Superior de Ciências Humanas, Físicas e Biológicas do Sertão (ESSER) e em uma escola cenicista – ambas localizadas na referida cidade do sertão alagoano –, participou como multiplicador das discussões e práticas analisadas no curso de extensão à distância anteriormente descrito, atuando através do curso intitulado “Da consciência pessoal à consciência ambiental: Paz e Educação Ambiental como desafios à Educação do Século XXI”, ministrado nas dependências da ESSER, em Santana do Ipanema - AL.

O curso desenvolvido na ESSER também foi constituído por encontros mensais, de forma que, a cada encontro realizado na UFPB, existisse a extensão das discussões até os professores das escolas públicas de Santana do Ipanema, além de serem expostos – durante os encontros na UFPB – os resultados parciais de cada encontro realizado junto aos professores do sertão alagoano.

## 4. Desenvolvimento

No primeiro momento do curso realizado na ESSER, trabalhou-se de maneira introdutória a relação entre a Educação para a Paz e a Educação Ambiental. Assim, o curso intitulado “Da consciência pessoal à consciência ambiental: Paz e Educação Ambiental como desafios à Educação do Século XXI” – 1º momento, foi realizado em abril de 2004, com duração de cinco horas. Participaram deste curso sete professoras atuantes no ensino fundamental em diferentes escolas

públicas de Santana do Ipanema. O organizador do referido curso apresentou os objetivos e a proposta de atividades a serem desenvolvidas naquele momento, juntamente com as professoras. As atividades foram realizadas na seguinte seqüência: dinâmica de apresentação: “Caça ao Tesouro”; introdução à consciência de si: música do cantor Zeca Baleiro (“Não tenho tempo”) seguida de sua análise interpretativa feita pelos participantes; dinâmica de autoconhecimento: “Eu sou alguém”; reflexão sobre a problemática ambiental: leitura individual de texto de Genivaldo Freire Dias (2002); montagem da “Árvore da Paz”; avaliação do encontro.

O segundo momento do curso tratou, de maneira contínua ao momento anterior, da relação entre a Educação para a Paz e a Educação Ambiental, focalizando, neste novo encontro, a relação da Educação para a Paz com as práticas pedagógicas desenvolvidas no ambiente escolar. “Da consciência pessoal à consciência ambiental: Paz e Educação Ambiental como desafios à Educação do Século XXI” – 2º momento, foi realizado em maio de 2004, com carga horária de cinco horas de atividades. Participaram nove professoras em processo de formação inicial, sendo seis já atuantes no ensino fundamental em diferentes escolas públicas de Santana do Ipanema. Foram apresentados os objetivos e a proposta de atividades a serem desenvolvidas naquele momento, juntamente com as professoras. As atividades foram realizadas na seguinte seqüência: dinâmica de apresentação: “A Força das palavras”; introdução à consciência de si e dos colegas professores; leitura compartilhada dos textos “A vida em sociedade” e “Paz na escola, Paz na sociedade”, seguida de sua interpretação e reflexão feita pelos participantes; debate sobre origens da violência e sobre a dimensão violenta das práticas docentes (as professoras em formação e que ainda não atuavam em sala de aula refletiram acerca das práticas violentas que presenciaram/presenciam enquanto alunas); reflexão sobre a necessidade de se trabalhar a partir da escola, a simplicidade e o não-consumismo: música de Zeca Baleiro (“Salão de beleza”) seguida de sua análise interpretativa feita pelos participantes; a dimensão violenta do currículo escolar: leitura do texto “A alma da escola” e “O lobo mau”; montagem de paródia a partir de uma música folclórica considerada violenta; avaliação do encontro.

O encerramento do curso deu-se, em um terceiro momento, com uma vivência da temática da Educação Ambiental numa perspectiva holística, visando à construção de práticas educativas voltadas à paz com a totalidade da natureza. Para tal vivência, foi feita uma viagem de campo a uma tribo indígena dos Xukurus, em Palmeira dos Índios - AL, onde se perceberia a integração da Paz com a totalidade da natureza.

O autoconhecimento e a descoberta de si consistiram no foco central de todo o desenvolvimento do primeiro momento do curso. As professoras participantes, ao interpretarem a música que tratava da ausência de uma cultura do autoconhecimento (e, portanto, da ecologia interior), alegaram não ter tempo para conhecerem a si mesmas ou até mesmo que nunca haviam pensado neste processo de descoberta de si. Outras admitiram ter “medo” do processo de vir a se autoconhecerem. Diante destas constatações, discutiu-se a importância do processo de descoberta do ambiente a partir da descoberta de si. Em seguida, discutiram-se as origens e consequências da degradação ambiental, relacionando-a ao processo de desconhecimento de si mesmos, ou seja, relacionando a perpetuação de problemas ambientais à alienação sobre si e seu entorno, o que também evidencia a “raiz” dos problemas ambientais e da ausência de paz.

As professoras concentraram suas análises em um problema ambiental da própria cidade, vivenciado no ano em curso: a falta de água devido à quebra da adutora responsável pelo abastecimento de água na cidade, em decorrência da cheia do Rio Ipanema (o qual banha a cidade). Assim, foram analisadas as relações entre este problema ambiental específico e a ausência de Paz que se estabeleceu na cidade, durante a vigência do referido problema. Desta forma, construiu-se a “Árvore da Paz”, representativa das condições sociais, habilidades e sentimentos necessários à construção de uma cultura de Paz que, segundo conclusão das próprias professoras, levaria ao equilíbrio ambiental tão necessário atualmente.

A árvore tinha nas suas raízes aquilo que as professoras entendiam como a sustentação da paz: na raiz estavam representados a “integridade”, o “amor”, a “consciência”, a “persistência”, a “fraternidade”. A “Árvore da Paz”

também traria frutos à sociedade: “amizades”, “satisfação”, “prosperidade”, “conquistas”, “harmonia” e “felicidade”. Assim, segundo as professoras, os aspectos que sustentam a Paz são os mesmos que, em falta, causam a violência, assunto abordado no segundo momento do curso.

O conhecimento da dinâmica da vida em sociedade e da difusão da violência em diferentes ambientes e sob diferentes estratégias consistiu no foco central de todo o desenvolvimento do segundo momento do curso. Inicialmente, as participantes expuseram situações em que o convívio com outras pessoas não foi harmônico (a maioria dos depoimentos situou-se no âmbito escolar/educacional: a escola, na vivência da maioria das professoras, é um local onde sofremos com diferentes tipos de violência); em seguida, apontaram soluções para tais situações (formas não-violentas de agir, formas pacifistas de ação).

As professoras participantes, ao depor e refletir sobre suas práticas pedagógicas, reconheceram ser violentas quando não deixavam seus alunos irem para o recreio escolar ou quando não ouviam suas dúvidas e idéias, por exemplo. Outras, controvertidamente, pensaram estar sendo violentas/autoritaristas quando apenas usavam da autoridade que é inerente à atividade do professor (diferentemente do autoritarismo).

Em seguida, discutiu-se sobre a propagação da violência no contexto escolar através do currículo e do ensino desenvolvidos pelos professores. Foram analisados temas comumente abordados em sala de aula e que, aparentemente, eram pacifistas, ou seja, que ainda não tinham sido percebidos como “veículos de violência” nas práticas das professoras (tratar do “descobrimento” do Brasil como algo pacífico e heróico, tomar como heróis históricos aqueles que participaram de guerras, músicas e historinhas cantadas e contadas para as crianças – “Sambalelé”, “Atirei o pau no Gato”, historinha do “Lobo Mau” ).

Por conseqüência, o grupo percebeu como preconceituosa e violenta uma cantiga popular – “Plantei uma cebolinha” – muito difundida entre as crianças da região do sertão alagoano, a qual foi transformada numa paródia alegre e di-

fusora de uma cultura de Paz e respeito, o que auxilia na construção do equilíbrio ambiental tão necessário atualmente.

## 5. Conclusões

Pequenas cidades do semi-árido nordestino, além de conviver com entraves típicos destas regiões interioranas (como secas periódicas, carência de suporte técnico-financiador para atividades economicamente viáveis, êxodo rural), também enfrentam dificuldades características de ambientes urbanos: ausência de planejamento de infra-estrutura, problemas de saúde pública, violência, poluição e degradação ambiental.

O primeiro momento do curso revelou a necessidade de outros momentos e espaços de discussão sobre os problemas ambientais, visto que, segundo as participantes, o processo de autocohecimento desencadeado no referido curso lhes deu elementos iniciais para reflexão e intervenção sobre os problemas de degradação da Paz, da vida humana e dos outros elementos pertencentes ao ambiente.

O desenvolvimento do segundo momento do curso evidenciou que a violência tem sido uma constante em diferentes ambientes, inclusive no ambiente escolar, e em locais tradicionalmente considerados “calmos” e “pacíficos”, como a região sertaneja do Brasil.

Além disso, pôde-se concluir que a violência deve ser uma temática abordada com maior profundidade no contexto escolar, para além de uma simples divulgação de práticas violentas e prescrição de comportamentos que em pouco condizem com os currículos escolares que vêm sendo desenvolvidos. É preciso sistematizar saberes a respeito da violência, em diferentes níveis e em diferentes ambientes, e indicar práticas pedagógicas que auxiliem no processo de sua extinção, a partir do seu melhor conhecimento/análise.

## 6. Notas

<sup>1</sup> O curso, denominado “Educação para a Paz e sua relação com a Educação Ambiental”, registrado no Banco de Dados de Extensão da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), foi desenvolvido sob a orientação da professora Dra. Maria de Lourdes Henriques, docente daquela mesma universidade.

## 7. Referências bibliográficas

ARENDDT, Hannah. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

BORIN, Luiz Cláudio. *Educação para a Paz: uma proposta pedagógica para a não-violência*. Disponível em: <<http://www.faac.unesp.br/pesquisa/tolerancia/bibliografia.htm>>. Acesso em: 01 abr. 2004.

DIAS, Genebaldo Freire. *Pegada Ecológica e Sustentabilidade Humana*. São Paulo: Gaia, 2002.

GUATARI, Felix. *As Três Ecologias*. Campinas: Papirus, 1991.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. Educação para a paz. *Mundo Jovem*. São Paulo, p. 3, mar. 2000.

MULLER, Jean-Marie. *O princípio de não-violência: percurso filosófico*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

REIGOTA, Marcos. *O que é Educação Ambiental*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

WEIL, Pierre. *Paz na sociedade*. Disponível em: <[http://www.dhnet.org.br/direitos/bibpaz/cartilha\\_paz.htm](http://www.dhnet.org.br/direitos/bibpaz/cartilha_paz.htm)>. Acesso em: 3 mai. 2004.

### Abstract:

There is an intrinsic relationship between Peace Education and Environmental Education, so that all educative practices that intend to turn environments equilibrated have to improve inner peace that will turn to peace in society and with all Nature. A course was aimed at improve discussions and a transformation in the pedagogical practices by teachers from Santana do Ipanema, Alagoas, Brazil, allowing to detect violent shapes in their own practices, so that Peace Education and Environmental Education get difficults in school.

**Keywords:** Extension; Peace; Environmental Education